



REVISTA AMARAL NETTO, O REPÓRTER

MÍDIA

Eu vi um Brasil na TV

Obra avalia documentários sobre a natureza a partir de *Amaral Netto, o Repórter* e do *Globo Ecologia*

CARLOS HAAG

Se você não tem pelo menos 40 anos, não tem idade para lembrar (não lamente o fato): ao som de *Aquarela do Brasil*, no arranjo hediondo de Ray Coniff, um helicóptero sobrevoa, na Amazônia, o fenômeno da pororoca, descrita pelo entusiasmado locutor como “o monstro das mil faces”. Era o “show da natureza do Brasil Grande”, tema recorrente do (mal) afamado *Amaral Netto, o Repórter*, programa nascido em 1969, na Rede Globo, que, por anos, foi a fonte de conhecimento sobre o país para gerações de brasileiros. Muita coisa mudou, mas, curiosamente, a natureza na TV continua a ser tratada como um “show da vida”, mistura de ficção e realidade, com direito a efeitos especiais, videoclipes e sabor de aventura.

“Belas imagens contam mais do que dados, boa colocação no sistema de estrelato propicia



REVISTA AMARAL NETTO, O REPÓRTER

Amaral Netto: olhar agressivo sobre a natureza brasileira, plenamente integrado ao momento político



Filmagem do *Globo Ecologia*: preocupação com o "dar certo" e linguagem de videoclipe para atrair jovens

mais legitimidade do que a participação comunitária e a proximidade social. O relacionamento com a problemática ambiental é mediado por aspectos mais próximos do campo ficcional e cada vez menos por ideários coletivos", avisa Thales de Andrade, autor de *Ecológicas manhãs de sábado: o espetáculo da natureza na televisão brasileira*, lançamento da Annablume/FAPESP, um estudo sobre como a telinha tratou o meio ambiente a partir de dois casos dessemelhantes na aparência, mas análogos no engano: *Amaral Netto* e o *Globo Ecologia*.

Os documentários sobre natureza são um dos principais filões das televisões em todo o planeta. Só o Discovery Channel, que exhibe 24 horas de programação do gênero, está presente em mais de 145 países, um índice superado apenas pela MTV e pela CNN. Com uma linhagem que pode ser traçada dos primeiros exploradores, que faziam o público leitor tremer de pavor diante dos desenhos, nem sempre realistas, do mundo exótico a que a maioria não tinha acesso, os documentários ganha-

ram novas tecnologias, mas ainda guardam a mesma essência. O fotojornalismo ajudou a consolidar a necessidade de converter o natural em espetáculo para maior assimilação popular e a ciência nem sempre consegue livrar-se da tentação do sucesso comercial. Depois, vieram Robert Faherty e, é claro, o mundo submarino de Jacques Cousteau, nos anos 1950 e 1960. Quem viu um documentário viu todos?

Historinha a ser contada - Os princípios básicos, seja na reconstituição computadorizada da vida na Terra nos tempos dos dinossauros, seja no valente caçador de crocodilos, ou, ainda, nos infíndos filmes sobre tubarões, permanecem inalterados: feitos para um público de classe média, uma audiência familiar, eles abusam da narrativa antropomórfica, ou seja, a imputação de qualidades humanas aos animais. Assim, a perseguição de tubarões a uma baleia e seu filhote se converte numa luta da "mamãe" baleia para livrar seu "filho" da garra dos terríveis e cruéis

predadores. Há sempre a necessidade de uma historinha a ser contada, com personagens e até mesmo uma moral final que dá o clima geral de ambientalismo romântico. Nesses filmes, não há espaço para pessoas, já que a natureza, reproduzida como espetáculo, deve dar espaço apenas para a identificação emocional do público com os animais, extintos ou vivos.

A tecnologia está a serviço do show: os efeitos especiais são o grande atrativo, seja nas câmeras especiais e onipotentes que nos colocam cara a cara com grandes animais, seja no computador que dá vida ao que não pode mais ser visto. Tudo é narrativa, beirando o ficcional, um artifício agradável conseguido por meio da narração em *offe* da edição das imagens: cenas filmadas em ocasiões diversas são reunidas a fim de dar a impressão de uma continuidade de ações. Dessa forma, "vemos" o leão olhar a presa, pensar como atacar e, pronto, começa a grande luta pela vida na savana. Tampouco o som é real, mas fruto de pós-produção. O efeito final é

poderoso e convincente. Mudamos de canal crentes de que estamos mais ricos em conhecimento e ecologicamente conscientes.

Mas as questões são muitas: é certo reconstituir eventos naturais para a câmera? Será que os abusos de efeitos especiais não tira a atenção do principal, o saber, e a desvia para o acessório, para a mera diversão? Quais são os tópicos éticos que conduzem a produção de um documentário? Não podemos nos enganar sobre a força do mercado e dos índices de audiência que pautam boa parte dos documentários da mesma forma que outros programas da TV. O impacto visual e a presença cada vez mais forte da tecnologia podem estar tirando desses filmes a sua motivação real e apresentando uma visão distorcida do mundo natural e, na contramão do percebido, deixando ainda mais distantes as fronteiras entre homens e animais.

Aventura, perigos, homem versus natureza, espetáculo, tudo sob a roupagem do cientificamente aprovado (daí, os depoimentos dos “homens de ciência” que legitimam tudo o que se diz na TV: quem pode duvidar deles?), a transformação do fenômeno natural em ficcional, esses perigos são ainda maiores com a imensa capacidade tecnológica atual. Pelos documentários, parece mesmo muito difícil lidar com o mundo animal, quanto mais preservá-lo num contexto real. O prazer da diversão parece estar superando o do saber. “Há o perigo da infantilização, ou seja, transformar a realidade natural num jogo e diversão, mas há que se perceber também que podemos, com os novos recursos tecnológicos, se usados de forma criativa, desmistificar o próprio processo do conhecimento, uma direção interessante e fecunda”, avalia Thales de Andrade.

Mas esse não é um fenômeno novo ou mesmo internacional. Em janeiro de 1969, apenas um mês após o AI-5, estreava na Globo *Amaral Netto*, o *Repórter*. “Os seus documentários enviavam para dentro das casas imagens de um Brasil quase lenda, uma terra mal conhecida e nem sequer concebida. De certo, sabemos apenas que o repórter esteve lá. Nos confins do imaginável, mostrando a verdadeira face de regiões que permaneciam envoltas em mistério



DISCOVERY NETWORK

e fantasia”, diz o texto de apresentação da série televisiva, como nos revela Thales de Andrade. O clima é bem próximo do que vemos ainda agora nos filmes de natureza, com uma mistura de suspense e heroísmo, iniciado mesmo antes da chegada ao objetivo do programa, já nos percalços que esperam a equipe de Amaral ao longo de sua jornada ao mistério, com o perigo da própria vida.

Amaral, porém, arrisca tudo, vence e “esteve lá”. Ainda que com a ajuda de aviões da FAB, corvetas da marinha, a *expertise* de militares para dar a palavra “científica” final sobre o Brasil desconhecido. E, é claro, Amaral chega lá

com suas câmeras e aparato tecnológico. “Todos esses elementos concatenados instituíram um olhar agressivo sobre a natureza brasileira, plenamente integrado ao momento político e ao estágio de aprimoramento tecnológico que o país atravessava. Em suma, um narrador agressivo buscando tornar inteligível um espaço hostil e exuberante, uma alegoria de Brasil forjada pelas elites de então, também agressivas”, nota Thales. “Essas elites acreditavam estar realizando um grande salto econômico e tecnológico, a grande modernização conservadora. Nesse ideário delirante, Amaral é quase um poeta embriagado, transmitindo informações e promessas inverossímeis e espetaculares”, diz.

Nesse movimento de mostrar o país como em um permanente “estado de guerra” entre natural e civilizado, Amaral, nota o pesquisador, não apenas se liga ao ufanismo militarista do momento, mas, importante, aproxima sua linguagem dos programas de auditório, a estética popular vigente da TV de então. A natureza vira espetáculo, ainda que grotesco. E, para tanto, valia tudo, até mesmo “corporificar” o natural: a pororoca vira “o monstro das mil faces” e o Atol das Rocas uma inusitada “ilha do nada”. “A hidrelétrica de Itaipu, a ponte Rio-Niterói seriam elementos ‘cheios’, plenos de racionalidade e fun-

O PROJETO

*Ecológicas Manhãs de Sábado:
o Espetáculo da Natureza
na Televisão Brasileira*

MODALIDADE

Auxílio Publicação

PESQUISADOR

THALES HADDAD NOVAES DE ANDRADE
– Faculdade de Ciências
Sociais/PUCCamp

INVESTIMENTO

R\$ 2.509,50



DISCOVERY NETWORK

Cenas de documentários do Discovery Channel: os efeitos especiais de computador dão vida ao que não pode mais ser visto ou nos deixam cara a cara com a natureza selvagem



DISCOVERY NETWORK

cionalidade, enquanto espaços como Rocas se definiriam pelo vazio, a despeito de sua riqueza biótica.” O exagero chegou mesmo a incomodar alas do regime militar, que odiavam o ufanismo sem consistência de Amaral, que acaba por funcionar contra a propaganda oficial, cuidadosamente urdida.

Exigências diferentes - Vinte anos depois, em 1990, o quadro é outro, porque as exigências do mercado e do público são diferentes. Saem de cena os perigos e as disformidades da natureza selvagem para dar lugar a uma nova consciência ecológica em que a sociedade gosta de se ver retratada na TV como agente de mudanças da cau-

sa ambiental. Como nota o autor, saem de cena os marinheiros e soldados e, em seu lugar, temos ambientalistas, cientistas, ribeirinhos e, pasmem, artistas. É o *Globo Ecologia*, que precisa mostrar, para um público jovem (daí o uso da linguagem do videoclipe e do rock, com programas apresentados por atores globais de novelas) e ativo, que “as coisas podem dar certo”. É um novo otimismo que invade a natureza por meio do discurso da sustentabilidade moderna.

“As soluções pontuais e compartilhadas, articulando setores próximos e distantes, compõem a nova condição do otimismo. ‘Dar Certo’ (*nome de um quadro do programa*) representa mais

do que um comportamento gerencial bem-sucedido, implica também esvaziar o debate de aspectos político-ideológicos, embates superados no cenário atual”, observa Andrade. Tudo por meio da apologia da prática comunitária e do envolvimento, na maior parte das vezes anônimo, da sociedade civil nas causas ambientais. A elite não mais se interessa, como nos tempos de Amaral, em descobrir, com um misto de horror e admiração, o potencial monstruoso natural do Brasil. Agora é a vez das pequenas ações que dão certo.

“Os rumos que nossa cultura do espetáculo vem adotando devem interferir na alocação social dos problemas da degradação ecológica. A artificialização da realidade conduz ao reino da simulação, em que as carências ecossistêmicas podem adquirir várias feições, de acordo com as metas culturais predominantes”, nota o pesquisador. “É viável testarem-se novas poéticas sobre a discussão ambiental. Um olhar menos distanciado e que não se renda de forma incontestante às preferências de consumo do mercado audiovisual é a eventual meta de uma produção televisiva que incorpore a temática ambiental com sua complexidade e plasticidade”, sugere. Só assim, apenas no cinema os dinossauros têm apelidos e as baleias gostam de criança. •